



CARTA ANUAL DO SUPERIOR GERAL  
AOS IRMÃOS DA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

## **A metamorfose necessária para viver como “editores” paulinos**

Caríssimos irmãos,

o caminho que estamos percorrendo como Congregação está se enriquecendo com uma nova etapa. À luz do objetivo expresso pelo XI Capítulo Geral – “*Deixai-vos transformar, renovando o vosso modo de pensar*” (Rm 12,2). *Deixando-nos transformar pela escuta da Palavra de Deus, em diálogo com o mundo em profunda metamorfose, nós, “editores” paulinos<sup>1</sup>, nos comprometemos a ser artesãos de comunhão para anunciar profeticamente a alegria do Evangelho* – dedicaremos estas páginas a um segundo aspecto importante de nossa missão: “...*Em diálogo com o mundo em profunda metamorfose*”. Se no ano passado nos detivemos na Palavra de Deus como fonte necessária para uma profunda mudança de mentalidade, agora trata-se de redescobrir a dimensão mais dialógica do nosso ser “editores” paulinos, que se traduz em um confronto constante com a realidade atual, as culturas, as riquezas e as pobreza de hoje, com os homens e as mulheres que são nossos interlocutores.

Um mundo, portanto, que muda, ou melhor, que está vivendo uma “profunda metamorfose”. De fato, justamente durante os trabalhos do XI Capítulo Geral, um dos passos mais importantes foi quando a Assembleia identificou neste substantivo algo que vai muito além da simples “mudança”. A “metamorfose” é a chave de interpretação desta mudança de época e não descreve apenas uma ação, mas também traça uma direção, dentro da qual se encontra o significado do que acontece. “Metamorfose” remete a uma “meta-forma”, à “transformação de um ser ou de um objeto em outro de natureza diferente”<sup>2</sup>. Porém, recorrendo ao testemunho de Paulo nas cartas e ao relato de Lucas nos Atos dos Apóstolos, a “metamorfose” manifesta-se como uma queda ao chão para depois se levantar, uma experiência de cegueira antes de receber novamente a vista, ser guiado por outros pela mão, o fruto de uma revelação que muda radicalmente a identidade da pessoa (At 22,1-11). Portanto, é o que torna possível uma “nova criação” – das coisas antigas nascem novas (2Cor 5,17 e Gl 6,15) – um movimento que nos insere no Filho de Deus e nele nos mantém, para que “todos nós, com o rosto desvelado, refletindo como em um espelho a glória do Senhor, sejamos transformados [*metamorphoúmetha*] na mesma imagem” (2Cor 3,18). O batismo – a vida de Cristo que opera em nós – é o início deste processo contínuo que envolve toda a

---

<sup>1</sup> “Cada Paulino, por vocação específica, é um ‘editor’. Este é o ‘propósito único’ - diria o Padre Alberione - da sua vida e da sua ação, da sua vocação e missão. O Paulino é um homem chamado por Cristo e consagrado para ser apóstolo da comunicação, para ser essencialmente um ‘editor’, aquele que dá forma a uma experiência, que escreve ou traduz sua vida pessoal e comunitária de fé e encontro com Cristo em palavras, textos, imagens, sons, vídeos, bytes ou em qualquer outra forma que a técnica progressivamente desenvolve; mas também em experiências e iniciativas nas quais cada linguagem está a serviço da inculturação do Evangelho com e na comunicação. Aquele que, a exemplo de Maria, dá (*edit*) o Salvador ao mundo” (*Linhas editoriais*, n. 1.2).

<sup>2</sup> Cf. Vocabolario Treccani.

história pessoal. No batismo ocorre uma transformação que traz consigo o novo dia do Domingo da ressurreição. De fato, nós, como a história, passamos de metamorfose em metamorfose, de Páscoa em Páscoa, "de glória em glória" (2Cor 3,18)<sup>3</sup>.

Interpretando a situação vivida por muitas realidades eclesiais espalhadas pelo mundo, podemos dizer, juntamente com André Fossion, que "a fé cristã se encontra hoje num estado generalizado de início ou de reinício. Quem diz 'recomeço' diz ao mesmo tempo processo de morte e de renascimento. Hoje, de fato, assistimos tanto ao fim de um mundo como ao fim de um certo cristianismo. E ainda não é o fim do mundo nem o fim do cristianismo. É, na verdade, um tempo de germinação, com toda a nostalgia e também o alívio que isso pode trazer pelo que morre, assim como as incertezas e a esperança pelo que nasce. Trata-se, portanto, de uma perda, mas também de reencontros em outros lugares e de outras maneiras".<sup>4</sup>

Nesta carta, pretendo compartilhar com vocês cinco passos que correspondem a igual número de reflexões ao longo do caminho: quais metamorfoses o mundo em que vivemos está experimentando (I passo)? Neste contexto, o que é indispensável? A redescoberta das relações (II passo). Como a Palavra de Deus pode lançar luz sobre tudo isso (III passo)? Levando conosco o olhar da Palavra e a experiência da história salvífica, o que consideramos mais urgente hoje (IV passo)? Quais orientações podemos nos dar para continuar caminhando juntos como comunidade, circunscrições, Família Paulina, também em chave apostólica (V passo)?

## **I. A metamorfose do mundo**

O advento da pandemia é apenas uma das etapas de um processo que marca a nossa mudança de época. Já antes, em 2008, a crise financeira originada nos Estados Unidos havia criado um grande transtorno no mundo das finanças e, ainda mais, na vida dos trabalhadores e das famílias; a pobreza tornou-se mais palpável. As guerras na Ucrânia e na Terra Santa, entre outras, põem à prova a capacidade de viver juntos e criam desconfiança entre os povos, alimentando descrença e extremismos. As migrações são percebidas como desestabilizadoras e, conseqüentemente, desencadeiam resistências e tensões sociais. Eventos particulares como os terremotos deste ano na Turquia e na Síria, e no Marrocos, e a inundação devida ao ciclone Daniel na Líbia, alteram completamente a vida de uma nação. A crise climática, abordada também nestes dias durante os trabalhos da COP28<sup>5</sup>, e os temas ecológicos, falam-nos de uma terra em sofrimento.

### **I.1 O mito do crescimento está em crise**

Diante desta situação global, aqui apenas mencionada, percebemos que estão em crise muitos princípios que sustentam a era em que vivemos: a globalização é um deles. Pensemos no mercado global, nos produtos criados para alcançar todas as partes do mundo, onde as grandes marcas pensam em termos de grandes áreas de mercado. A ideia fundamental que perpassa nossa época é que deve haver uma contínua expansão da economia mundial,

<sup>3</sup> Cf. Mendonça J. T., *Metamorfosi necessaria. Rileggere san Paolo*, Vita e Pensiero, Milano 2023, pp. 127-138.

<sup>4</sup> Fossion A., *Que anúncio do Evangelho para o nosso tempo? O desafio da inculturação da mensagem cristã* in: Bacq Ph. – Theobald Ch. (ed.), *Uma nova oportunidade para o Evangelho. Para uma Pastoral de Geração*, Paulinas, Lisboa 2013, pp. 94-95.

<sup>5</sup> Cf. <https://www.cop28.com/en>.

expansão que poderíamos expressar com outro termo: progresso. No imaginário coletivo, quando se fala em "progresso", pensa-se em novas descobertas – científicas e não só – como metas necessárias e desejáveis. Os avanços na ciência, na medicina, na engenharia... e no campo da Inteligência Artificial (IA) só podem ser positivos. A dúvida, no entanto, surge quando este modo de ver e organizar a vida humana pressupõe o "mito do crescimento". Ele concebe a história como um "movimento unidirecional contínuo em direção a um amanhã melhor"<sup>6</sup>. Mas "melhor" em que sentido? É realmente verdade que quanto mais o sistema econômico é livre para agir, mais é capaz de aumentar as oportunidades e potencialidades de vida do indivíduo? Hoje nos sentimos e somos todos mais frágeis, as sociedades são frágeis, a criação sofre... Todos estamos mais desiludidos com esta promessa não cumprida, frequentemente usada para fins de mercado necessitados de consumidores. Não importa se de maneira desequilibrada entre gerações, entre Norte e Sul, entre presente e futuro cada vez mais comprometido.

A alternativa não é, certamente, a de voltar ao passado, mas de ler sabiamente o presente com todas as suas contradições e oportunidades. Todos somos mais frágeis porque o período que estamos vivendo coloca em dúvida as nossas expectativas de crescimento, expectativas irreais e exageradas. Às vezes vivemos como se a nossa vida fosse apenas um crescendo: na economia, na saúde, nos relacionamentos... como se nunca ou quase nunca tivéssemos que enfrentar crises sociais e pessoais. A pandemia, por exemplo, mostrou-nos que um vírus minúsculo pode desmontar a onipotência da ciência, que os mercados podem parar, que as relações humanas podem ser como que congeladas. Sim, somos frágeis e precisamos decidir o que fazer com a nossa fragilidade. Certamente, "se o critério for o do balanço econômico, do crescimento quantitativo, do aumento das possibilidades, então é lícito fazer esta e outras perguntas: o que devemos fazer com os pobres, os imigrantes, os deprimidos, todos aqueles que não estão à altura das performances exigidas? O contingente de pessoas frágeis... deve ser considerado como um custo a ser administrado ou como um efeito inesperado do nosso modelo de crescimento que exige uma revisão?"<sup>7</sup>.

## 1.2 A inteligência artificial nos modifica

A transição de época que estamos vivendo é marcada também pelo crescimento exponencial da tecnologia em nossa vida. É e será assim. A própria pandemia estimulou um desenvolvimento vertiginoso da IA, necessária para enfrentar as muitas situações difíceis, incluindo a impossibilidade de encontros presenciais. A IA já está na base do Facebook e das pesquisas do Google e da Siri. Ela utiliza uma enorme quantidade de dados que permite melhorar o desempenho tecnológico, por isso "aprende", "cria" e "gera". Poderá prever as ações das pessoas e continuará a mudar o mundo do trabalho, da comunicação, da saúde... e em geral do cotidiano. Pensemos no ChatGPT<sup>8</sup>, no seu desenvolvimento em nossa vida, no que nos permitirá conhecer e viver no futuro próximo. Graças à presença da tecnologia tão fortemente desenvolvida, alguns afirmam que estamos entrando na era do "movimento trans

---

<sup>6</sup> Halík T., *Pomeriggio del cristianesimo. Il coraggio di cambiare*, Vita e Pensiero, Milano 2022, p. 58.

<sup>7</sup> Giaccardi C. - Magatti M., *Nella fine è l'inizio. In che mondo vivremo*, Il Mulino, Bologna 2020, pp. 122-123.

<sup>8</sup> Lançado em 3 de novembro de 2022, ChatGPT é um software baseado em inteligência artificial e aprendizado de máquina desenvolvido pela OpenAI, especializado na conversação com um usuário humano. Fornece respostas ou é capaz de realizar ações como resumir textos, traduzi-los ou dar opiniões. A sigla GPT significa Generative Pre-trained Transformer, ou seja, "Transformador Generativo Pré-treinado".

e pós-humano"<sup>9</sup>, onde se propõe programar um homem eficiente, capaz de melhorar a saúde e, portanto, mais feliz. Um projeto talvez distante, mas igualmente capaz de movimentar enormes capitais com interesses financeiros significativos das indústrias tecnológicas e farmacêuticas. "A humanidade – portanto – fez avanços gigantescos na era digital... Os progressos da tecnologia possibilitaram novos tipos de interações humanas. Na verdade, a questão não é mais se confrontar ou não com o mundo digital, mas como fazê-lo. As redes sociais em particular são um lugar onde as pessoas interagem, compartilham experiências e cultivam relacionamentos como nunca antes... Surgiu a consciência de que essas plataformas podem evoluir até se tornarem espaços co-criados e não apenas algo que usamos passivamente. Os jovens – assim como os idosos – pedem que os encontremos onde estão, inclusive nas redes sociais, porque o mundo digital é 'uma parte significativa da identidade e do estilo de vida dos jovens'"<sup>10</sup>.

Apesar de integrarmos continuamente a tecnologia em nossa vida e vivermos "onlife"<sup>11</sup>, também estamos mais conscientes de que o mundo digital nem sempre é um espaço de conhecimento autêntico, de informação livre e transparente: pensemos, por exemplo, nas *fake news*. Além disso, ainda há certo divórcio digital entre diferentes segmentos da população e percebemos que as redes sociais "transformaram os usuários em consumidores"<sup>12</sup>, de modo que são os algoritmos que decidem o que nos mostrar. "À relação substitui-se a conexão, forma privilegiada de relação interpessoal"<sup>13</sup>. O que será das relações entre as pessoas?

O tema é tão atual que o Papa Francisco dedicou a mensagem da próxima 58ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais à IA: "Inteligência Artificial e sabedoria do coração: para uma comunicação plenamente humana".

### 1.3 Uma Igreja com muitos questionamentos

Neste processo, a Igreja também está plenamente envolvida. "Vimos de uma prática pastoral secular, na qual a Igreja era a única referência cultural. É verdade, é a nossa herança. Como autêntica Mestra, ela sentiu a responsabilidade de delinear e impor, não só as formas culturais, mas também os valores, e mais profundamente de traçar o imaginário pessoal e coletivo, isto é, as histórias, os pilares em que as pessoas se apoiam para encontrar significados últimos e respostas para suas questões vitais. Mas não estamos mais naquela era. Passou. Não estamos na cristandade, não mais. Hoje não somos mais os únicos que produzem cultura, nem os primeiros, nem os mais ouvidos"<sup>14</sup>. De fato, são as grandes

---

<sup>9</sup> O movimento transumano surge das descobertas e aplicações nas áreas digital e biotecnológica. Coloca ênfase nas potencialidades para o ser humano em nível médico, cognitivo e informático, robótico. O movimento pós-humano vai além do aprimoramento médico e intelectual porque deseja anular a dimensão biológica, onde existem a doença e a morte, para alcançar uma condição ultra-humana (cf. Cucci G., *Postumano e transumano. L'antropologia del futuro?* in: *La Civiltà Cattolica* 4130 [2022], pp. 133-145).

<sup>10</sup> Dicastério para a Comunicação, *Rumo a uma presença plena. Reflexão Pastoral sobre o Envolvimento com as Redes Sociais*, 18 de maio de 2023, n. 1-2.

<sup>11</sup> "Onlife" refere-se a todas aquelas experiências concretas vividas diariamente enquanto se permanece conectado a dispositivos e ambientes digitais e interativos. É uma condição existencial caracterizada por uma distinção não clara entre o real e o virtual.

<sup>12</sup> Dicastério para a Comunicação, *Rumo a uma presença plena*, n. 13.

<sup>13</sup> Cantelmi T. - Polidoro P., *Online love. L'amore ai tempi dei social. Un manuale di sopravvivenza*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2023, p. 16.

<sup>14</sup> Papa Francisco, *Discurso aos participantes do Congresso Internacional da Pastoral das Grandes Cidades*, 27 de novembro de 2014.

idades que nos dizem que muitos são os lugares onde se criam novas linguagens, novos símbolos e mensagens que orientam a vida. Nas cidades surgem culturas nunca vistas e, na perspectiva da nova evangelização, perfilam-se outras ocasiões de encontro<sup>15</sup>. O que está mudando? Há como que uma ruptura, inicia uma "nova espécie"<sup>16</sup> que pressupõe a centralidade do homem em relação à criação; há um novo modelo de adulto que agora ama a juventude e o corpo jovem<sup>17</sup>. Muda a forma de viver a fé na família e na comunidade, o modo de participar da Eucaristia, de dedicar parte do próprio tempo aos outros... Não vivemos mais numa época cristã – especialmente no Ocidente – e por isso também muda o vocabulário das palavras mais comuns. Termos como graça, eternidade, paraíso, verdade, lei natural, maturidade, paternidade, sacrifício, renúncia, autoridade, tradição... são hoje substituídos por pluralismo, tolerância, sentimento, técnica, saúde, mudança, corporeidade, bem-estar, juventude, sexualidade, ecologia, comunicação...<sup>18</sup>

Num contexto tão alterado, a opção fundamental, que a Igreja reiterou com o Concílio Vaticano II, é a do diálogo com o mundo<sup>19</sup>, agora reproposto pelo papa Francisco graças à centralidade de um humanismo de matriz bíblica que se preocupa com a pessoa e as relações. Há necessidade de uma nova relação com Deus, com os outros e com o ambiente. E assim a Igreja é chamada a dialogar, a interagir e a promover a "cultura do encontro", abraçando a fraternidade como estilo de vida. A crise ou as crises que estamos vivendo, neste sentido, são providenciais porque nos fazem crescer e nos ajudam a redescobrir a escolha da Igreja conciliar: a solidariedade. "Como seria bom se ao crescimento das inovações científicas e tecnológicas correspondesse também uma sempre maior equidade e inclusão social! Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas distantes, redescobrissemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao meu redor!"<sup>20</sup> À descoberta da tecnologia segue a redescoberta da pessoa e das relações!

## 2. A metamorfose da fraternidade

Uma humanidade tão mudada e uma Igreja que adota a cultura do encontro nos interpelam concretamente, pedindo-nos novos caminhos e uma nova visão de sociedade e do povo de Deus que não pode ser fixada pelos critérios modernos de desenvolvimento ou de progresso, e ainda menos de globalização ou bem-estar. A encíclica do papa Francisco "Fratelli tutti" diz claramente: há necessidade de fraternidade, de olhar o rosto do próximo de forma diferente, de tecer novas amizades para que a vida do cristão se torne como um veículo da proposta de amizade que Jesus dirige a todos. Este é o tempo da transformação também das relações para que seja favorecido, de maneira nova, o encontro da humanidade com Cristo.

Uma transformação que se configura como um processo de saída de nós mesmos e dos nossos esquemas, pede que o nosso olhar se eleve para ver horizontes novos e novos rostos, para iniciar algo inédito sobre o qual investir as melhores energias: "Hoje, quando as

<sup>15</sup> Cf. Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 73.

<sup>16</sup> Matteo A., *Opzione Francesco. Per una nuova immagine del cristianesimo futuro*, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2023, pp. 42-45.

<sup>17</sup> Cf. Papa Francisco, *Christus vivit*, n. 182.

<sup>18</sup> Matteo A., *Opzione Francesco*, p. 66.

<sup>19</sup> "As alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, especialmente dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos discípulos de Cristo, e nada há de genuinamente humano que não encontre eco em seu coração" (*Gaudium et spes*, n. 1).

<sup>20</sup> Papa Francisco, *Fratelli tutti*, n. 31.

redes e os instrumentos da comunicação humana alcançaram desenvolvimentos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a 'mística' de viver juntos, de nos misturarmos, de nos encontrarmos, de nos abraçarmos, de nos apoiarmos, de participar desta maré um pouco caótica que pode se transformar em uma verdadeira experiência de fraternidade, em uma caravana solidária, em uma santa peregrinação. Desta forma, as maiores possibilidades de comunicação se traduzirão em maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos".<sup>21</sup> Termos como "misturarmo-nos", "encontrarmo-nos", expressões como "caravana solidária" e "santa peregrinação" são fecundos porque expressam relação e partilha da mesma condição, um processo "místico", ou seja, de saída do próprio narcisismo. Em um mundo fragmentado há necessidade de comunidade, de relação entre pessoas, de comunhão, onde a partilha, inclusive social, permite contar a vida, histórias de vida, até ao ponto de rezar uns pelos outros, iniciando projetos de ajuda, solidariedade e integração, em uma comunicação de rosto social. "É urgente aprender a agir juntos, como comunidade e não como indivíduos. Não tanto como 'influenciadores individuais', mas como 'tecelões de comunhão': colocando em comum os nossos talentos e capacidades, partilhando conhecimentos e sugestões"<sup>22</sup>.

Isso se manifesta primordialmente na proximidade com os pobres. Isso nos faz bem e dá sentido à nossa missão. Os pobres não só de meios e recursos econômicos, mas também de significados pelos quais viver, de paz, de esperança, de amor. Jovens e idosos podem ser os pobres, assim como as famílias, a própria vida consagrada, homens de cultura, de espetáculo, artistas, jornalistas, influenciadores, diretores, diretores de arte, web designers, engenheiros de informática... Quantos pobres para alcançar! É necessário continuar a sair, hoje de forma mais inteligente, e criar locais de encontro, de amizade social, de fraternidade vivida como "fazer algo pelo Senhor e pelos homens do novo século com quem viveria"<sup>23</sup>. Esta saída nos permite viver a nossa humanidade como Jesus a viveu, até formar uma "cultura da proximidade"<sup>24</sup>, na qual se destaca o traço do cuidado, da generosidade sem retorno, de dar espaço ao outro<sup>25</sup>. A pandemia, de fato, nos ensinou que a doença de um deve ser tratada em conjunto para não se tornar a doença de muitos<sup>26</sup>. Daí a necessidade de se decidir pelos pobres: "Desejo uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito a nos ensinar. Além de participarem do *sensus fidei*, com seus sofrimentos conhecem o Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite para reconhecer a força salvífica de suas existências e colocá-las no centro do caminho da Igreja".<sup>27</sup>

## 2.1 Cuidar dos nossos interlocutores

É tempo de cuidar dos outros. A palavra "cuidado" expressa a predisposição para "observar" e, portanto, para conhecer observando. Claro, conhecer não simplesmente de forma analítica, mas com a totalidade de nós mesmos – mente, vontade e coração – até o ponto de nos comprometermos com o outro<sup>28</sup>. Esta atitude de sair de nós mesmos

<sup>21</sup> Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 87.

<sup>22</sup> Dicastério para a Comunicação, *Rumo a uma presença plena*, n. 76.

<sup>23</sup> Alberione T., *Abundantes divitiae gratiae suae*, n. 15.

<sup>24</sup> Dicastério para a Comunicação, *Rumo a uma presença plena*, n. 5.

<sup>25</sup> Cfr. Matteo A., *Opzione Francesco*, p. 136.

<sup>26</sup> Buffon G., *Come si affronta un cambiamento d'epoca*, in *L'Osservatore Romano*, 25 luglio 2020.

<sup>27</sup> Papa Francesco, *Evangelii gaudium*, n. 198.

<sup>28</sup> Giaccardi C. - Magatti M., *Nella fine è l'inizio. In che mondo vivremo*, Il Mulino, Bologna 2020, p. 133.

pressupõe a capacidade de relação que está na base da formação da nossa identidade como pessoas, por isso, especialmente neste período pós-pandemia, mais do que recuperar unicamente as coisas que perdemos, é necessário apostar na qualidade das relações com as pessoas, no crescimento integral da pessoa: integral, ou seja, de todas as dimensões que compõem o ser humano, incluindo o horizonte de significados em direção ao qual tendemos<sup>29</sup>. Cuidar do próximo é responder ao questionamento de Deus feito a Caim: "Onde está Abel, teu irmão?" (Gn 4,9). É a pergunta que encontramos no início da história da humanidade e que ainda vale hoje diante das muitas formas de pobreza e de humanidade pisoteada. "A cultura do bem-estar – enfatiza o papa Francisco – que nos leva a pensar em nós mesmos, nos torna insensíveis aos gritos dos outros, nos faz viver em bolhas de sabão, que são bonitas, mas não são nada, são a ilusão do fútil, do provisório, que leva à indiferença para com os outros, aliás, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Acostumamo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é assunto nosso".<sup>30</sup>

## 2.2 A escuta necessária

A proximidade e a fraternidade são expressão "de um amor que vai além das barreiras da geografia e do espaço"<sup>31</sup>. A palavra "fraternidade" remete ao significado de "nascer ao lado de outro" e, portanto, ao ser irmãos, à reciprocidade, superando os vínculos étnicos ou de sangue<sup>32</sup>. O "eu" não é suficiente por si mesmo, é necessária uma "aliança social". "As relações digitais, que dispensam do esforço de cultivar uma amizade, uma reciprocidade estável e também um consenso que amadurece com o tempo, têm uma aparência de sociabilidade. Não constroem verdadeiramente um 'nós', mas usualmente dissimulam e amplificam o mesmo individualismo que se expressa na xenofobia e no desprezo pelos fracos. A conexão digital não é suficiente para construir pontes, não é capaz de unir a humanidade"<sup>33</sup>. Portanto, são necessários gestos humanos também dentro da comunicação digital e, em particular, uma escuta paciente do outro, inclusive daquele que é estrangeiro, daquele que está em busca de um sentido pelo qual viver. A escuta é o início de um diálogo e escutar é aproximar-se, olhar-se, conhecer-se, buscar pontos comuns... Acontece entre gerações, entre povos, entre pessoas. A escuta afirma que "tu existes", que entre mim e ti não há apenas o "like", mas estão presentes perguntas, medos, esperanças e projetos para o futuro, uma escuta intencional vivida com "o ouvido do coração"<sup>34</sup>. "Neste mundo globalizado 'os meios de comunicação podem ajudar a nos sentir mais próximos uns dos outros; a nos fazer perceber um renovado sentido de unidade da família humana que impulsiona à solidariedade e ao compromisso sério por uma vida mais digna. [...] Podem nos ajudar nisso, especialmente hoje, quando as redes de comunicação humana alcançaram desenvolvimentos inauditos. Em particular, a internet pode oferecer maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre todos, e isso é algo bom, é um dom de Deus"<sup>35</sup>. Na medida em que a escuta e o diálogo encontram hospitalidade, tornam-se uma cultura, a

<sup>29</sup> Ib., p. 135.

<sup>30</sup> Papa Francisco, *Homilia da Missa durante a visita a Lampedusa*, 8 de julho de 2013.

<sup>31</sup> Papa Francisco, *Fratelli tutti*, n. 1.

<sup>32</sup> Occhetta F., *Una grande sfida: scegliere la fraternità*, in *Vita Pastorale*, 7, julho de 2023, 11.

<sup>33</sup> Papa Francisco, *Fratelli tutti*, n. 43.

<sup>34</sup> Dicastério para a Comunicação, *Rumo a uma presença plena*, n. 38.

<sup>35</sup> Papa Francisco, *Fratelli tutti*, n. 205.

"cultura do encontro": aqui se identificam os pontos de contato, constroem-se pontes, sonha-se e projeta-se juntos.

### **3. A Palavra que ilumina as metamorfoses**

"Nos tempos antigos, muitas vezes e de muitos modos Deus falou aos antepassados por meio dos profetas. No período final em que estamos, falou a nós por meio do Filho. Deus o constituiu herdeiro de todas as coisas e, por meio dele, também criou os mundos" (Hb 1,1-2). A revelação bíblica "acontece" sempre de maneira dialógica. Deus não se impõe de forma absoluta, não busca "instrumentos passivos" que realizem a sua vontade sem contaminá-la com a sua humanidade: ele, ao contrário, tece relações, inicia diálogos, espera perguntas, deixa-se "condicionar" pelas pessoas a quem interpela. Isso é muito evidente na experiência dos grandes protagonistas da história da salvação: os patriarcas, os juízes, os reis, os profetas, os sábios de Israel. No Primeiro como no Novo Testamento, ontem como hoje.

Três figuras nos ajudam a entender como Deus se revela ao mundo, acompanhando todas as mudanças de época que este atravessa. Entre os profetas escolhemos Jeremias, que assiste ao fim dramático da monarquia e do templo, entrando com o povo na página do exílio; entre os apóstolos escolhemos Paulo, com quem a fé cristã ultrapassa as fronteiras do Ocidente e entra em diálogo com o mundo pagão; entre aqueles que leram os sinais dos tempos da modernidade – em uma grande mudança de época – tomamos o nosso Fundador, o beato Tiago Alberione.

#### **3.1 Jeremias, o profeta dos “estigmas”**

Nenhum profeta carrega os "estigmas" da paixão por Deus e por seu povo como Jeremias<sup>36</sup>. Basta relembrar algumas de suas expressões: "Pela ferida da filha do meu povo estou ferido, estou horrorizado, o horror me tomou" (Jr 8,21); "Meus olhos vertem lágrimas dia e noite, sem cessar, porque a filha do meu povo foi ferida por uma grande calamidade, por uma ferida mortal" (Jr 14,17); e ainda: "Por que minha dor é incessante e minha ferida incurável recusa-se a ser curada?" (Jr 15,18). Estas frases, extraídas das chamadas "confissões de Jeremias", revelam estados de ânimo que mostram como o profeta vive uma espécie de identificação com Deus e com o povo, experimentando em si mesmo a constante laceração entre o amor generoso do primeiro e a dureza inexplicável do segundo: "Minhas entranhas, minhas entranhas! Estou em tormento, meu coração está turbulento dentro de mim, não posso mais ficar calado, pois ouvi o som da trombeta, toda a terra está devastada" (Jr 4,19). A mesma imagem retorna em Jr 23,9: "Meu coração se quebra dentro de mim, todos os meus ossos tremem, estou como um bêbado, como um homem vencido pelo vinho, por causa do Senhor e de suas santas palavras". Diante destes trechos, não podemos falar apenas de uma disposição "empática" do profeta: aqui há verdadeira e própria identificação com os sentimentos de Deus e com a dolorosa mudança de época que está atingindo Israel.

De maneira diferente, mas não menos dramática, tais disposições caracterizam toda a tradição profética: pensemos em figuras como Moisés, Oseias, Isaías, Ezequiel... A tradição sapiencial também não fica para trás: no Saltério é o coração o lugar onde tais experiências reverberam; o coração, de fato, exulta, alegra-se, contrai-se, derrete como cera, agita-se,

---

<sup>36</sup> Cf. Mesters C., *Geremia. Bocca di Dio, bocca del popolo. Introduzione alla lettura del libro del profeta Geremia*, Cittadella Editrice, Assisi (PG) 1994.

palpita, medita, acorda, resseca, comove-se, arde no peito... sempre para expressar uma relação com Deus contextualizada em um preciso aqui e agora<sup>37</sup>.

Parece que, para acompanhar os processos de mudança do mundo circundante devido à chegada dos babilônios (século VII a.C.), o profeta deve experimentar cada exigência primeiro em sua própria pessoa: ele, de fato, é o primeiro que deve mudar. Precisamente porque Jeremias experimenta e vive o que está prestes a acontecer, pode tornar-se seu anunciador. A missão – para Jeremias em particular e para todos os profetas em geral – não é a mera execução da vontade divina, não se decide apenas no relacionamento com Deus como resposta à sua vontade; ela se encarna num hoje específico, se desdobra a partir da aceitação ou não do povo e das resistências mais ou menos fortes que este apresenta. Somente o profundo enraizamento em Deus permite ao profeta não ceder a compromissos e suportar o desafio, sem trair o mandato recebido: iluminado pela Palavra de Deus, Jeremias não abraça nem o pensamento da maioria nem as escolhas dos centros de poder, mas defende o caminho estreito no qual o povo pode encontrar salvação que, em última análise, se baseia na confiança em Deus: em tempos de exílio, enquanto há quem queira reagir com força à situação de deportação, o caminho é o da rendição e da confiança, de um diálogo ininterrupto com Deus que ajuda a perceber que seu projeto não falha. Para Jeremias, esta é "uma estrada íngreme", que o torna, aos olhos de muitos, uma presença incômoda a ser silenciada. Mas é neste contexto que ele anunciará uma "nova aliança", inscrita nestas palavras do Senhor: "Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo" (Jr 31,31-34).

### 3.2 Paulo, o apóstolo da mudança

Encontramos a mesma dinâmica em Paulo, que, aliás, frequentemente faz referências diretas e indiretas ao profeta Jeremias. Paulo não se torna "apóstolo de Jesus Cristo" da noite para o dia. Segundo a reconstrução de alguns estudiosos baseados no testemunho autobiográfico preservado na carta aos Gálatas (1,18; 2,1), foram necessários dezessete anos, desde a experiência em Damasco, para que Paulo amadurecesse como apóstolo dos gentios. Somente após esse longo período – que operou uma progressiva metamorfose em Paulo – ele será capaz de acompanhar uma das mudanças de época da história humana produzida pelo anúncio do Evangelho. Só depois de dezessete anos, Paulo está pronto para cruzar a porta do Ocidente que o introduz no continente dos Gentios, a Europa<sup>38</sup>.

O que acontece nesses dezessete anos? Paulo é "formado", "moldado" não apenas por Deus, mas também pelo relacionamento nem sempre linear com os primeiros crentes (incluindo os "falsos irmãos" que lhe causam problemas): pensemos, em ordem, em figuras individuais como Estêvão, Ananias, Barnabé, Pedro, Tiago, Marcos; pensemos em comunidades inteiras como Damasco, Jerusalém, Antioquia da Síria; pensemos nas primeiras experiências missionárias na Arábia, em Jerusalém, na Síria e Cilícia, e aquelas compartilhadas com Barnabé em Chipre, Perge, Antioquia da Pisídia, Listra, Icônio, Derbe, onde Paulo colhe mais fracassos do que sucessos. No entanto, como ele dirá na Carta aos Romanos, "sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, que são chamados segundo o seu propósito" (8,28).

<sup>37</sup> Cf. Neher A., *L'esilio della Parola. Dal silenzio biblico al silenzio di Auschwitz*, Medusa Edizioni, Milano 2010.

<sup>38</sup> Cf. Penna R., *Paolo, da Tarso a Roma. Il cammino di un grande innovatore*, Il Mulino, Bologna 2015.

Paulo sabe acompanhar a mudança porque sua própria vida foi uma contínua conversão. E isso foi possibilitado por múltiplas experiências que o aproximaram de outros crentes da primeira hora, homens e mulheres, judeus e gregos, escravos e livres, que mais tarde se tornariam os colaboradores confiáveis de seu ministério. Apesar de, e também graças a, todos os incidentes do caminho. Como dirá o beato Tiago Alberione, ser apóstolo, para Paulo, é "arder com aquela dupla chama, de um mesmo incêndio, o zelo por Deus e por seu Cristo, e pelos homens de cada país"<sup>39</sup>. Encontros, sucessos, fracassos, mal-entendidos, discussões... levam o apóstolo Paulo a redefinir sua adesão e compreensão do Evangelho, entregando-se cada vez mais como um instrumento dócil de um Evangelho que o transcende.

### 3.3 O beato Alberione, testemunha de mudanças de épocas

A esses dois testemunhos, podemos juntar Padre Alberione, também ele testemunha de mudanças sociais e eclesíásticas nas quais operou e deu sua contribuição, envolvendo-se pessoalmente. Começamos pela virada de século - do XIX para o XX - que para nós, Paulinos, tem um sabor especial porque remete à vigília de oração do jovem Tiago na Catedral de Alba. Exatamente nesse período, enquanto na Europa continua o processo de separação das raízes cristãs, a sociedade italiana passa de uma marca rural para uma mais urbana e industrial. É o momento da Encíclica *Rerum novarum* (1891) de Leão XIII, onde são abordadas novas e importantes questões sociais. Alguns anos depois, o Papa Pio X responde ao "modernismo" com a encíclica *Pascendi Dominici gregis* (1907)<sup>40</sup>. É também o período de aceleração do desenvolvimento da imprensa, assim como do cinema e do rádio. No âmbito eclesial, os movimentos bíblico e litúrgico preparam o Concílio Vaticano II. Essa famosa passagem de século é antecipada pela Encíclica de Leão XIII *Tametsi futura* (1º de novembro de 1900), testemunhando o que estava no coração do Papa: "O olhar para o futuro não está isento de inquietações; pelo contrário, há muitos e sérios motivos de alarme, devido a numerosas e antigas causas de mal, tanto de natureza pública quanto privada"<sup>41</sup>. A proposta de Leão XIII se traduz em três "condições necessárias" para um novo e renovado século: a centralidade de Jesus Caminho, Verdade e Vida. Estas páginas fermentam no coração do jovem Alberione e a resposta a esta mudança de época é justamente a Família Paulina e o dom carismático que ainda hoje enche nosso coração de paixão. Tudo isso é documentado pelo Primeiro Mestre em *Abundantes divitiae*<sup>42</sup> e é justamente nesta autobiografia que notamos como o Espírito conduziu o Padre Alberione a viver novos desafios sociais e eclesiais segundo o coração do apóstolo Paulo, abrindo-se a uma comunicação social que criava novos meios de expressão.

Um segundo momento chave na vida do beato Alberione, que o torna testemunha de uma mudança época, é o advento e sua participação no Concílio Vaticano II<sup>43</sup>. Nos três anos de trabalhos que vão de 1962 a 1965, os padres conciliares dialogam, escutam, confrontam-

---

<sup>39</sup> Alberione T., "Amerai il Signore con tutta la tua mente", in *Carissimi in San Paolo*, Edizioni Paoline, Roma 1971, p. 1151.

<sup>40</sup> Reggio P., "Alba: l'ambiente socio-religioso nella città e dintorni" in: Aa.Vv., *Conoscere Don Alberione (1884-1907). Strumenti per una biografia*, Centro Spiritualità Paolina, Roma 1994, p. 79-127.

<sup>41</sup> Papa Leão XIII, *Tametsi futura prospicientibus*, n. 1.

<sup>42</sup> Alberione T., *Abundantes divitiae gratiae suae*, n. 48-63.

<sup>43</sup> Cfr. Damino A., *Don Alberione al Concilio Vaticano II. Proposte, interventi e "appunti"*, Archivio Storico Generale della Famiglia Paolina, Roma 1994.

se com uma sociedade mudada... Padre Alberione está presente no Concílio como Fundador e Superior geral, é ativo embora nunca tome a palavra. No entanto, sua presença é fecunda, aliás fecunda é a obra por ele iniciada no campo da evangelização através dos meios de comunicação: o Decreto sobre os instrumentos de comunicação social *Inter mirifica*, aprovado em 1963 – há 60 anos –, consagra esta forma de evangelização como ação da Igreja. O Primeiro Mestre apresenta vinte e quatro propostas à Comissão pré-conciliar. Entre estas, destacamos algumas: a mediação universal de Maria, o catecismo, a Bíblia com notas catequéticas, o apostolado dos leigos, os institutos seculares, a Missa televisionada, a Missa do Divino Mestre e, em particular, a necessidade de um novo Dicastério que cuide da comunicação social. A estas propostas somam-se cinco intervenções pessoais ou observações feitas por escrito durante o Concílio. Podemos dizer que para o Padre Alberione o maior fruto deste evento da Igreja é a certificação de que "a atividade paulina é declarada apostolado, ao lado da pregação oral, declarada de alta estima diante da Igreja e do mundo... O Concílio tem como característica principal 'a pastoral'. Isso diz respeito ao cuidado espiritual e à salvação das almas. Mereceu, portanto, o segundo lugar pela importância atual e capital. Trata-se dos meios e instrumentos que podem ser usados para o bem dos indivíduos e de toda a sociedade"<sup>44</sup>. Muito interessante é o comentário que o Padre Alberione faz sobre o *Inter mirifica* no San Paolo de setembro-dezembro de 1964: "O decreto representa uma confirmação da perene vitalidade e juventude da Igreja que não se aliena do mundo, mas expressa seu contínuo interesse pelo bem da humanidade, favorecendo estudos, descobertas, e dando normas moralmente seguras para animar de espírito cristão as maravilhosas invenções do empenho humano"<sup>45</sup>. Sempre no mesmo número, o Fundador reafirma a pastoralidade do Concílio e o fato de que todos os temas são tratados sob esta abordagem, inclusive o tema dos instrumentos da comunicação social, que tanto lhe interessava. Daí "viver o Concílio, que é a aventura do século, tomar consciência e dar conhecimento em primeiro lugar aos Nossos e depois à cristandade"<sup>46</sup>.

Jeremias, de um lado, São Paulo e o beato Alberione, do outro, mostram-nos como a revelação de Deus não é uma "boa notícia" desligada do hoje do mundo. Como não há revelação sem encarnação, assim não há missão sem relação. Não se pode testemunhar o Evangelho do "Verbo que se faz carne" sem estar em diálogo com Deus e com o mundo. E o diálogo, como diz a própria etimologia grega do termo, significa deixar-se atravessar (*dià*) pela palavra (*lógos*) do outro – com "O" maiúsculo e "o" minúsculo – levando-a a sério, sempre e de qualquer maneira. É neste ambiente que se iniciam as mudanças mais preciosas e as metamorfoses mais eficazes.

#### **4. O “necessário” no tempo da metamorfose**

As reflexões tratadas até agora destacaram alguns contextos em que a mudança nos envolve como Igreja e Congregação, mas também tentaram evidenciar a necessidade da fraternidade e, portanto, de escuta e diálogo em todos os níveis, sinais de uma comunidade que de muitas maneiras está empenhada em cuidar do próximo, inclusive daqueles que encontramos nas redes digitais. É o que, em contextos e épocas diferentes, experimentaram o profeta Jeremias, São Paulo e o nosso Fundador. Em “um mundo em contínua

---

<sup>44</sup> Alberione T., *Carissimi in San Paolo*, pp. 323-324.

<sup>45</sup> Alberione G., *Carissimi in San Paolo*, p. 331.

<sup>46</sup> Alberione G., *Carissimi in San Paolo*, p. 334.

metamorfose”, em um tempo de transformação radical, nos movemos às tateadas, muitas vezes sem certezas. Mas somos nós, e não outros, que percorremos este tempo tão especial.

De fato, usando uma metáfora evangélica, estamos vivendo a mesma situação de Jesus quando decide “passar para a outra margem”, como nos lembra o Evangelho de João: “Jesus passou para a outra margem do mar da Galileia, isto é, de Tiberíades, e uma grande multidão o seguia, porque via os sinais que ele fazia sobre os enfermos. Jesus subiu ao monte e lá se sentou com seus discípulos. Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus”<sup>47</sup>. Jesus passa, e com ele os discípulos e muita gente. Passar para outra margem é o que, de fato, experimentou o apóstolo Paulo em suas viagens, onde cada viagem abria ao encontro com uma nova cultura, até Roma e, talvez, a Espanha. Esta imagem nos ajuda a descrever a situação em que nos encontramos, uma mutação radical, uma verdadeira metamorfose, que não podemos parar. E não é estranho se nos sentimos desorientados, inseguros, não preparados, porque este desconforto pessoal – e congregacional – nos faz bem e nos ajuda a dar uma nova forma à nossa missão. Ser incomodado ajuda todos nós a sair de nós mesmos, dos nossos equilíbrios, do modo usual de viver a missão e nos insere no dinamismo da vida. A “dor” aqui é terapêutica, é o início de algo novo, é um estremecimento de humanidade que nos faz sentir próximos àqueles que, como nós, estão atravessando o mar.

Quando caminhamos em direção a um horizonte que não conhecemos, avançamos passo a passo, luz após luz, parte por parte, dentro de um processo de metamorfose que vai em profundidade: não é mudança superficial, apenas organizacional ou procedimental, mas uma passagem muito mais semelhante à Páscoa, Páscoa no nosso hoje, gravada na nossa carne. A alternativa poderia ser refugiar-se no *status quo*, fingir que tudo vai bem, sem que nossa missão nos perturbe... É atravessando o mar que nos tornamos mais maduros, mais conscientes dos nossos limites e dos desejos que ainda não encontram realização. Vivemos um verdadeiro processo de integração e maturação em todos os níveis apenas saindo do nosso “pequeno eu”, do nosso casulo... Precisamente em Jo 6, Jesus envolve os Doze para alimentar a multidão: eles conseguem recolher apenas cinco pães e dois peixes. No entanto, os presentes são alimentados. De fato, nossa tarefa não é multiplicar, mas distribuir e, portanto, viver este tempo unidos à Páscoa de Jesus, a fonte da verdadeira transformação e da “multiplicação”: eis o nosso “segredo de êxito”. Esta mudança de época é uma experiência pascal a ser vivida em Cristo.

Distribuir, mas a quem? Nossos interlocutores são aqueles com os quais compartilhamos a história de cada dia. Com eles estamos conectados e juntos formamos uma rede de relações, também de forma digital. A rede é o lugar onde todos vivemos e é o lugar onde cada um, de maneiras diferentes, fala de si e do que vive. A cultura digital é feita de vivências e não apenas de tecnologia e há muita humanidade, às vezes empobrecida, no YouTube, TikTok, Instagram, Facebook... “Somente se a Igreja for capaz de renunciar aos próprios estereótipos para ouvir verdadeiramente as vivências dos homens e das mulheres, poderão se abrir novos celeiros de esperança para todos”<sup>48</sup>. E a esperança é dada pelo encontro com o Ressuscitado e com uma comunidade, também digital, que fez experiência de Cristo. Nosso exercício diário é ouvir os novos sofrimentos da humanidade, assim como seus sonhos e tornar-nos sensíveis a eles. Se em nós há essa consciência, também há a

---

<sup>47</sup> Jo 6,1-4.

<sup>48</sup> Fratel Michael Davide, *La Chiesa che morirà. L'arte di raccogliere i frammenti per impastare nuovo pane*, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2023, p. 93.

possibilidade de responder a ela com criatividade apostólica. Precisamos de uma nova geografia antropológica, conhecer onde vive a humanidade de hoje e interceptar suas distâncias existenciais... os confins habitados pelo coração humano. Também isso pertence à metamorfose, a uma Páscoa da nossa mentalidade e da ação apostólica, justamente para perceber onde é necessário nos impulsionar para alcançar quem ainda não encontrou o Mestre da nova vida: "Enquanto houver 'fronteiras da humanidade' ainda inexploradas, é lá que se deve levar o Evangelho"<sup>49</sup>. Esta é a missão de Jesus: alcançar uma humanidade abandonada e sozinha, que esqueceu sua identidade e vive uma deformação de sua imagem tão trágica a ponto de pensar que o Pai não existe mais. Um relacionamento autêntico com Jesus nos impulsiona a alimentar a humanidade de hoje, buscando-a onde ela vive. Levando qual pão? Aquele da experiência de Deus, do Pai: isso viveu Jesus, isso viveu Paulo, isso nos transmitiu o beato Alberione.

A fome não é apenas uma necessidade biológica ou uma questão social. Ela nos fala de uma margem a ser alcançada, de um mar a ser atravessado, na maioria das vezes desconhecido e nem sempre familiar. A fome e toda fome, especialmente da Palavra de Deus e do Alimento de vida eterna, é o que nos impulsiona a aceitar a viagem e viver primeiro uma metamorfose, a enfrentar a passagem pascal. Se não fosse assim, permaneceríamos dentro de nossas confortáveis salas esperando não se sabe quem. Mas nossa fome e a dos outros, como um agulhão, nos fazem sair do conforto. O garoto de Jo 6,9 – aquele que deu o pão e o peixe – abriu sua bolsa, deu tudo o que tinha com prontidão e generosidade e, graças a ele, Jesus realizou o impensável. É necessário abrir nossas bolsas, nossos armazéns onde se encontra o bom pão, para doá-lo de mil maneiras, com criatividade, em toda cultura e linguagem. Abramos nosso coração e compartilhemos com coragem e sem timidez o que nos foi confiado por Cristo (1 Tm 6,20): a alegria do Evangelho.

## **5. Continuar a caminhar: percursos possíveis**

Neste último trecho da Carta, gostaria de compartilhar algumas reflexões que surgem do caminho percorrido e que podem nos envolver tanto individualmente quanto como comunidade. São sugestões oferecidas para continuar a reflexão. De fato, "tudo o que fazemos, em palavras e atos, deve trazer o sinal do testemunho. Não estamos presentes nas redes sociais para 'vender um produto'. Não se trata de fazer publicidade, mas de comunicar a vida, aquela que nos foi dada em Cristo"<sup>50</sup>. Em questão está a Vida, como gerar Vida, como o nosso apostolado participa deste dom de Deus em Cristo.

### **5.1 O apostolado vivido como “coragem de mudar”**

Coragem não significa imprudência. É iniciativa, é energia que leva a ser propositivo na evangelização. Neste processo de transformação radical, as nossas Linhas editoriais – documento que serve de fio condutor para ser "editores" paulinos – nos lembram a importância de fazer um discernimento sobre as estruturas apostólicas<sup>51</sup>, que nunca são um fim em si mesmas, mas sim direcionadas à missão: estamos falando das nossas diversas realidades editoriais em todas as suas facetas, incluindo os imóveis. Em outros casos,

---

<sup>49</sup> Fratel Michael Davide, *La Chiesa che morirà. L'arte di raccogliere i frammenti per impastare nuovo pane*, p. 60.

<sup>50</sup> Dicastério para a Comunicação, *Rumo a uma presença plena*, n. 77.

<sup>51</sup> *Linhas Editoriais. Identidade, conteúdos e interlocutores do apostolado paulino*, Roma 2018, n. 2.1.

"coragem" é "dar um novo impulso a algumas formas tradicionais de edição", enquanto ao mesmo tempo "assumimos plenamente a revolução digital nos três momentos do apostolado (conteúdo, suportes e estratégias)"<sup>52</sup>. A mudança deve ser feita não apenas em relação à tecnologia, "mas sobretudo em relação aos conceitos e às novas formas de comunicar"<sup>53</sup>.

A "coragem de mudar" envolve também a nova definição dos nossos Organismos continentais, um processo que de fato nos viu preferir a cooperação apostólica segundo "projetos" compartilhados, em vez de operar segundo áreas linguísticas. Para dar concretude a esta nova fase é necessário um impulso especial, é preciso algum projeto piloto; devemos experimentar novos caminhos, conscientes de que muitos são os âmbitos que necessitam de uma colaboração entre Circunscrições, não por último aqueles bíblicos e os que dizem respeito ao contexto das "novas modalidades de apostolado no campo digital"<sup>54</sup>.

## 5.2 A formação como ponto de partida

Não é um tema novo e sabemos bem quanto o Padre Alberione insistiu sobre a roda do carro paulino do estudo<sup>55</sup>. Se há um aspecto que devemos manter vivo, aliás, potencializar, especialmente nesta mudança de época, é justamente a formação entendida como estudiosidade, como paixão constante pelo aprofundamento, pela pesquisa, pela inovação... e, não menos importante, pela integração<sup>56</sup> na nossa vida do que se aprende ao longo do tempo. Conhecer é a resposta pertinente a perguntas importantes: como alcançar os nossos interlocutores e como assumir novos desafios apostólicos? Como repensar a nossa missão? Quais fronteiras devemos assumir com coragem? Diante de nós, há como um horizonte apostólico que cresce continuamente, fruto de um olhar que vai além do presente, que busca ver mais longe, sonhar, pensar novos caminhos para encontrar a humanidade de hoje... Onde o Espírito nos chama a anunciar o Evangelho? E como podemos atravessar o mar da incerteza, do medo de arriscar para estar onde a humanidade vive?

Há, porém, um segundo aspecto. A preparação de cada Paulino deve ser necessariamente compartilhada e, portanto, tornar-se um dom que envolve também a comunidade, para um apostolado vivido como comunidade. Neste sentido, devemos continuar a criar laboratórios de ideias, "aldeias da educação"<sup>57</sup>, academias onde se aprende a conectar as experiências de cada um. Pensemos, por exemplo, nos conselhos de apostolado e formação, mas sobretudo nas muitas formas de participação e compartilhamento da missão. Por isso, não basta a obtenção de graus acadêmicos ou o acúmulo de especializações. A nossa missão necessita de pessoas que atuem com uma mentalidade relacional.

Sempre na perspectiva do compartilhamento, é importante valorizar os nossos Centros Paulinos de Estudos em Comunicação e os Centros culturais. Compartilhar significa ter uma mente aberta. Isso nos ajuda a dar sentido ao nosso estudo, que é sempre pela missão, nos ajuda a ser concretos, sabendo que vivemos do nosso trabalho, e que, portanto, o apostolado deve ser sustentável – em todos os sentidos –, caso contrário, deve ser

---

<sup>52</sup> *Linhas Editoriais. Identidade, conteúdos e interlocutores do apostolado paulino*, n. 1.3.

<sup>53</sup> *Linhas Editoriais. Identidade, conteúdos e interlocutores do apostolado paulino*, n. 2.2.

<sup>54</sup> XI Capítulo Geral, *Linha operativa 2.2.2.*

<sup>55</sup> Cf. Valdir José De Castro, *Carta Anual. O Estudo para a Missão*, 16 de abril de 2017.

<sup>56</sup> Cf. ITs 5,23.

<sup>57</sup> Papa Francisco, "Messaggio per il lancio del patto educativo", in *Congregazione per l'Educazione Cattolica, Patto educativo globale. Instrumentum laboris*, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2020, p. 26.

repensado em sua concretude. Em uma mudança de época, é fundamental investir na formação para passar à outra margem.

### **5.3 Nossas comunidades como lugar de encontro**

Também a comunidade paulina hoje deve ser pensada como "aberta", lugar de encontro. Entre nós, primeiramente, mas também com aqueles que participam da nossa missão – incluindo leigos – e com aqueles que encontramos providencialmente em nosso caminho, porque é dessa rede de relações que o nosso apostolado necessita. Em um tempo no qual as relações estão em crise, há necessidade de lugares disponíveis para cuidar delas. Pertence à "cultura do encontro" criar ocasiões para conhecer-se e planejar juntos. Há necessidade de comunidades que mostram como se vive como apóstolos, como Paulo com seus colaboradores, que não apenas falam sobre comunicação, mas fazem da comunicação o seu estilo de vida. Comunidades, portanto, que tiram da sua bolsa – como o garoto do Evangelho – o alimento necessário para alimentar, alimento que é também a herança carismática do nosso Fundador: a universalidade, a pastoralidade, a paixão profética por Deus e pela humanidade. Compartilhar, fracionar, relacionar... Os 100 anos do nosso apostolado bíblico – inaugurado oficialmente em janeiro de 1924 com o início da Sociedade Bíblica (a futura SOBICAIN) – são uma oportunidade para viver de maneira renovada aquilo que desde o início da nossa história Padre Alberione quis que fosse o sentido da missão paulina.

Este discurso é dirigido primeiramente às comunidades, mas pode ser estendido também às nossas realidades apostólicas nas quais estão envolvidos os nossos colaboradores. Com eles é necessário crescer na arte do diálogo, envolvendo-os nas motivações profundas, para que se sintam parte de uma missão, de um projeto comum<sup>58</sup>. O Papa Francisco, neste último tempo, está lembrando isso quando fala de sinodalidade: juntos é possível caminhar para viver de maneira renovada o nosso ser "editores" paulinos.

### **5.4 A Vida em Cristo como relação que transforma**

Esta quarta sugestão tenta focar o nosso viver como discípulos do Mestre. A qualidade do relacionamento com Jesus também define a fecundidade do ser apóstolo. Retornamos assim ao tema da metamorfose, daquele processo que é a vocação do mundo, um mundo – poderíamos adicionar à luz de Mt 17,1-9 – em contínua "transfiguração". O episódio evangélico dos Sinóticos usa termos evocativos, descreve a transfiguração de Jesus segundo as imagens do rosto que brilha e das vestes brancas como a luz (Mt 17,2). Mas é a voz do Pai que explica o que está acontecendo e como interpretar este fato: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mt 17,5). Estas palavras especificam quem é o Filho e, ao fazê-lo, dizem quem somos nós. Como o Filho, também nós somos amados. De fato, o que transfigura Jesus é o amor do Pai, certamente um amor recíproco, mas também um amor

---

<sup>58</sup> "Na barca da Igreja deve haver espaço para todos: todos os batizados são chamados a subir a bordo e a lançar as redes, empenhando-se pessoalmente no anúncio do Evangelho. E não se esqueçam desta palavra: todos, todos, todos. Toca-me muito no coração, quando tenho de falar sobre como abrir perspectivas apostólicas, aquele trecho do Evangelho em que as pessoas não vão à festa de casamento do filho e está tudo preparado. E o que diz o dono, o dono da festa o que diz? 'Ide às encruzilhadas e trazei para cá todos, todos, todos: saudáveis, doentes, pequenos e grandes, bons e pecadores. Todos'" (Papa Francisco, *Homilia durante as Vésperas com os bispos, os sacerdotes, os diáconos, os consagrados, os seminaristas e os agentes de pastoral, por ocasião da 37ª Jornada Mundial da Juventude*, Lisboa, 2 de agosto de 2023).

que muda, transfigura, um amor tão forte que, mesmo mostrando o rosto crucificado do Filho, revela o amor de Deus pela humanidade. A força que muda o modo de ser, de pensar, de agir, de ser apóstolo... é o amor, é experimentar que, apesar do que somos, alguém nos ama de forma radical. Daqui nasce a "vida nova" da qual tanto fala o apóstolo Paulo.

Compreendemos, assim, a importância de nos nutirmos da Palavra de Deus, da Eucaristia, fonte e ápice da vida cristã, da vida paulina. Compreendemos o sentido da Visita Eucarística. A Eucaristia cria em nós uma mentalidade nova; a Visita Eucarística nos "transforma", como o estar com Jesus transformou os Doze<sup>59</sup>. É realmente necessário não nos separarmos desse dinamismo, uma experiência que compartilhamos como Família Paulina e que nos pede para sermos pessoas acolhedoras: acolher a vida de Deus. Só vivendo essa experiência podemos chegar à metamorfose de que fala Paulo: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E esta vida, que eu vivo no corpo, vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2,20). Quem acolhe entra em um relacionamento tão forte que é transfigurado à imagem do Filho.

Terminamos esta Carta Anual lembrando um fato que um recente volume das Edizioni San Paolo trouxe à luz. Em 1966, o padre Emilio Cordero, então diretor da Sanpaolo Film, pediu ao diretor Pier Paolo Pasolini<sup>60</sup> que escrevesse um roteiro sobre a figura do apóstolo Paulo<sup>61</sup>. Padre Alberione estava ciente do projeto. Em 1968, Pasolini começou a delinear o trabalho. Em suas notas, os locais da missão do Apóstolo são substituídos: Roma torna-se Nova York, Jerusalém torna-se Paris, Atenas é Roma, Antioquia torna-se Londres, Éfeso é Nápoles, Damasco torna-se Barcelona... o macedônio de At 16,9-10 é um alemão que o convida a ir para a Alemanha... Infelizmente, este filme nunca viu a luz. Quem sabe, talvez esteja aqui o desafio que nos espera como "editores" paulinos: devolver Paulo ao mundo de hoje para ser, como ele, homens que se deixam transformar por Cristo e que, por isso, sabem acompanhar as mudanças de época. Em última análise, este nosso tempo "em profunda metamorfose" é compreensível apenas a partir da Páscoa de Jesus.

Roma, 8 de dezembro de 2023  
*Imaculada Conceição da B.V. Maria*



*Domenico Soliman*  
Pe. Domenico Soliman  
Superior geral

<sup>59</sup> Alberione T., *Ut perfectus sit homo Dei*, II. San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 1998, 104.

<sup>60</sup> Pier Paolo Pasolini (1922-1975) foi escritor, poeta e, em particular, cineasta, um observador atento das mudanças da sociedade. Como homem de cultura, teve certa fama em toda a Europa. Entre seus filmes, deve-se citar de modo particular "O Evangelho Segundo São Mateus" (1964); Cf. <https://www.raicultura.it/webdoc/pier-paolo-pasolini/index.html#welcome>.

<sup>61</sup> Ciarrapica C. - Bizzozero A., *Il sogno di Pier Paolo Pasolini*, San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2023, pp. 23-99.